

O ENSINO DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DO PNAIC FRENTE À REALIDADE DA SALA DE AULA

Heloise Generoso Fernandes ¹
Jennifer da Silva Azevedo ²

RESUMO

Este artigo reflexivo se originou a partir da disciplina prática de Estágio Supervisionado em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I: 3º, 4º e 5º anos. Seu objetivo é discutir o contexto do ensino de Arte no Brasil, considerando a realidade da sala de aula de duas escolas públicas situadas no município de Presidente Prudente. Para discutir mais amplamente o tema definido, foram utilizadas algumas bibliografias específicas, tais como: Brasil (1997); Brasil (2008); Brasil (2012); Brasil (2013); Brasil (2016); Pimenta *et. al.* (2017); Araújo (2017); entre outras. A escolha desse tema possibilitou o delineamento de três tópicos para o desenvolvimento do trabalho, a saber: o primeiro tópico aborda a história da arte no Brasil, explorando seus desdobramentos históricos. O segundo tópico investiga como a disciplina de Arte tem sido abordada nas salas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental ciclo I, destacando os principais aspectos observados durante o estágio. Por fim, o terceiro tópico propõe estratégias para o ensino de Arte nessas séries, visando tornar as linguagens artísticas significativas e contextualizadas para os estudantes. As conclusões revelam que a disciplina e os conteúdos de Arte ainda não são amplamente reconhecidos como conhecimentos essenciais, o que precisa ser revisto, uma vez que a inclusão efetiva dos conteúdos de arte na educação básica, pode proporcionar aos estudantes, experiências e oportunidades fundamentais para seu desenvolvimento intelectual e social.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Ensino Fundamental, Prática Docente, Ensino de Arte.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um conjunto de reflexões possibilitadas pelo Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II (3º, 4º e 5º anos), oferecido pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP - Câmpus de Presidente Prudente.

De acordo com a Lei nº 11.788/2008, o estágio é um “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos [...]” (Brasil, 2008, n.p). Através dessa lei, os estagiários

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Presidente Prudente, heloise.generoso@unesp.br;

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Presidente Prudente, jennifer.azevedo@unesp.br.

passaram a ter melhores condições e oportunidades dentro das instituições educacionais, o que foi muito significativo, uma vez que o estágio possui caráter essencial para o ensino superior, especialmente no que diz respeito aos cursos de licenciatura, pois oportuniza ao estudante testar na escola os conteúdos oferecidos pela universidade, vivenciando experiências que serão decisivas para seu futuro como professor.

Estagiar em turmas do Ensino Fundamental fez surgir muitas possibilidades, pois dentro de uma sala de aula ocorrem inúmeras situações que nos levam a refletir sobre diferentes aspectos da educação. Neste artigo, entretanto, optamos por abordar um tema que se relaciona diretamente a uma disciplina da faculdade, ministrada paralelamente ao estágio supervisionado na escola, isto é, a disciplina de Fundamentos da Arte na Educação Básica, que enriqueceu as reflexões e discussões acerca do estágio.

Dessa forma, o tema escolhido para a produção do presente artigo, se trata de: o ensino de Arte na educação básica, especificamente, em salas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental ciclo I, objetivando assim, analisar o contexto do ensino de Arte no Brasil, frente à realidade da sala de aula de escolas públicas no município de Presidente Prudente. A partir da escolha deste tema, foi possível delinear três tópicos para o desenvolvimento do trabalho, que consistem em: 1) Perpassando pela história da arte no Brasil - no qual abordamos um pouco acerca dos desdobramentos históricos da arte no Brasil; 2) Como a disciplina de Arte tem sido trabalhada nas salas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental ciclo I? - no qual apontamos os principais aspectos apreendidos na prática do estágio em relação ao tema trabalhado, e; 3) Proposta de como trabalhar o ensino de Arte em salas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental ciclo I - no qual elencamos algumas propostas de como trabalhar as linguagens artísticas com essa faixa etária, de maneira significativa e contextualizada.

O estudo adota uma metodologia qualitativa, focada na observação sistemática e na análise descritiva das atividades desenvolvidas durante o estágio supervisionado. Esse estágio, concebido para proporcionar vivências práticas no campo educacional, foi realizado em duas escolas municipais situadas em Presidente Prudente, São Paulo.

A coleta de dados foi realizada por meio de observações diretas das atividades do estágio, envolvendo interações com a equipe gestora, professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar.

PERPASSANDO PELA HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

O surgimento da arte no mundo se deu paralelamente à tomada de consciência do ser humano, que ao sentir a necessidade de representar os seus feitos e a si mesmo, encontrou na arte inúmeras possibilidades de representação. Tal acontecimento resultou na influência da arte sobre diferentes aspectos das sociedades, especialmente no que se refere ao âmbito educacional.

No Brasil, a história do ensino da arte emergiu juntamente ao ensino propriamente dito, isto é, com a chegada dos Padres Jesuítas no país, os quais visavam catequizar os povos indígenas por meio de oficinas de artesãos (Freitas, 2013). De acordo com Freitas (2013), o ensino formal de arte no Brasil se estabeleceu a partir da fundação da Academia Imperial de Belas Artes, no ano de 1816, que até a década de 1870 contemplava apenas a elite, voltando-se para a formação de desenhistas.

Com a Proclamação da República em 1889, a educação no Brasil sofreu muitas transformações amparadas pelo surgimento de novas leis educacionais e pela reforma do ensino republicano, em decorrência dessas transformações, o ensino de arte passou a se concentrar no desenho como linguagem da técnica e da ciência (Freitas, 2013).

No século seguinte, especificamente no ano de 1922, a história do ensino da arte foi marcada pela Semana de Arte Moderna, que conforme Freitas (2013), difundia o ideal da livre expressão, trazendo a perspectiva de que a arte não precisava ser ensinada e sim expressada livremente pelos estudantes. Ainda nesse ideal de transformação, em 1932 emergiu o Manifesto da Escola Nova, que ao estabelecer relação entre a arte e a psicologia, culminou na inserção oficial da livre expressão no ensino de arte.

Já em 1971, com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 5.692/71, a arte passou a ser incluída no currículo escolar, sendo denominada de Educação Artística, a qual deveria apenas complementar outras disciplinas. Apesar disso, a própria inclusão da arte no currículo escolar já demonstrava um progresso, “[...] principalmente se se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador.” (Brasil, 1997, p. 24).

Subjacente à LDBEN de 1971, muitos teóricos da educação começaram a refletir acerca da compreensão de arte como conhecimento e não apenas como conteúdo complementar, dessa forma, a partir da década de 1980, as primeiras formulações teóricas da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa foram evidenciadas, mediante aos

trabalhos desenvolvidos pela autora no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (Brasil, 2015).

Nesta mesma década, o movimento Arte-Educação no Brasil tomou forma, permitindo que “[...] se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área.” (Brasil, 1997, p. 25). As discussões e mudanças proporcionadas pelo movimento, só aconteceram devido a iniciativa e ações de educadores, que tomados por angústias e preocupações, buscavam “[...] reconceituar a forma de ensinar e aprender Arte.” (Brasil, 2015, p.16).

Diante de todos os movimentos relacionados à educação no país, em 1996 é então instituída a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, que tornou o ensino de arte obrigatório enquanto disciplina do currículo escolar. Lei que, em seu artigo 26, prevê que o ensino de arte na educação básica, além de ser obrigatório, deve ser constituído pelas artes visuais, o teatro, a dança e a música (Brasil, 1996). Não obstante, no ano de 1997 foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que no que diz respeito a arte, orientam os conteúdos de arte previstos na LDB, de forma que haja a promoção da formação artística e estética do aluno.

A história da arte no Brasil perpassou por muitas épocas, movimentos, teorias e estudos. Atualmente, a perspectiva que se tem em relação à arte é a de que ela tem um começo e um fim em si mesma, “[...] contribuindo para uma formação humanizadora e crítica dos sujeitos, aberta para a pluralidade de leituras do mundo.” (Brasil, 2015, p.16).

COMO A DISCIPLINA DE ARTE TEM SIDO TRABALHADA EM SALAS DE 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação Básica “a escola constitui a principal e, muitas vezes, a única forma de acesso ao conhecimento sistematizado para a grande maioria da população” (Brasil, 2013, p.113). Esse dado reafirma a responsabilidade da escola, de favorecer aos educandos o acesso a conhecimentos e experiências que contribuam para seu desenvolvimento integral e sua inserção na sociedade. Nesta perspectiva, o ensino de Arte pode ser compreendido como um conteúdo fundamental, que deve ser trabalhado em todos os seus aspectos, de modo que seja significativo para o estudante.

Tendo em vista os pressupostos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, pudemos observar que a disciplina de Arte não é trabalhada como deveria ser. Durante a realização do estágio, foi possível observar que as aulas de Arte eram mal usufruídas ou utilizadas para outros fins educativos, sem ser os próprios da disciplina, como a confecção do cartão de dia das mães.

Não obstante, os raros conteúdos pertencentes à disciplina de Arte, eram trabalhados de maneira incompleta e descontextualizada, isto é, “[...] a ação do fazer predomina sobre o ler e o contextualizar, gerando ações sem aprofundamento dos conteúdos curriculares para a área de Arte.” (Brasil, 2015, p. 10). Os estudantes eram encorajados a desenhar, pintar e recortar, ao passo privados da história por trás dessas técnicas. Quem foram os pioneiros que desenvolveram essas práticas? Como elas surgiram? E, mais importante, quais são as obras de arte que ilustram essas teorias?

Existem diversos fatores que influenciam o ensino distorcido de Arte nas escolas. Consoante a Ferreira (2013, p.19), “as instituições de ensino se deparam com muitas dificuldades, o que acaba acarretando, uma “má” realização do trabalho.”. O primeiro fator dificultoso nesse processo já foi explicitado nos parágrafos anteriores, podemos defini-lo como: a utilização da disciplina de Arte como espaço ou complemento para o ensino de outras disciplinas.

Outro fator que dificulta o processo de ensino de Arte na escola, é a ausência de professores que tenham alguma formação na área de Arte. No ensino fundamental, especificamente, esses professores são polivalentes, isto é, não são professores especialistas em educação artística, mas precisam desempenhar funções de todas as áreas do conhecimento (Pimenta, 2017), inclusive da Arte. Mesmo formados como professores polivalentes, muitos desses profissionais não são preparados na universidade para desenvolverem trabalhos na área da Arte com as crianças, dessa forma, eles chegam totalmente despreparados nas escolas e aqueles que não buscam conhecimentos básicos sobre o conteúdo artístico, ficam à mercê do senso comum.

Segundo o PNAIC, “possibilitar o conhecimento das linguagens artísticas no espaço escolar, ainda nos anos iniciais, no ciclo de alfabetização, é uma necessidade para a formação intelectual e mais humanizada das crianças.” (Brasil, 2015, p.8). Neste sentido, o próprio documento propõe que os trabalhos relacionados à educação artística se inspirem nos pressupostos da Abordagem Triangular de Ana Mae, a qual serve de base para um ensino de Arte completo, que abrange a leitura, a contextualização e a criação artística.

Todavia, para garantir a eficácia dessa abordagem, é imprescindível que os conhecimentos sejam apresentados de forma significativa para as crianças, de modo a encaminhar positivamente a preparação das aulas. Afinal, realizar uma atividade apenas para seguir um padrão estético ou sem critério e fundamentação teórica, não é suficiente para adquirir conhecimento ou alcançar o objetivo de aprendizagem artística, dado que a Arte como componente curricular visa:

Reforçar e valorizar a herança cultural, artística e estética dos alunos, além de ampliar seus olhares e escutas sensíveis, e formas expressivas através de experiências estéticas e poéticas com base nas inter-realidades que eles conhecem ou possam vir a conhecer. (Brasil, 2012, p.27).

Em suma, para que a construção de conhecimentos seja efetiva, é essencial que o processo de aprendizagem se inicie a partir dos conhecimentos prévios das crianças e do contexto em que elas estão inseridas em relação à Arte. Para que isso aconteça, entretanto, é necessário que o professor esteja preparado e disposto a desenvolver de maneira completa os conteúdos de arte, uma vez que “para ensinar Arte na escola é essencial conhecer e entender sobre Arte, assim como também é necessário conhecer e compreender os conteúdos deste campo,” (Brasil, 2015, p. 11).

PROPOSTAS DE COMO TRABALHAR O ENSINO DE ARTE EM SALAS DE 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL CICLO I

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (Brasil, 1997, p. 15).

Seguindo as orientações dos PCN, pretendemos elencar neste tópico duas propostas para trabalhar as artes visuais em salas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental ciclo I, para que os professores que não tenham formação específica na área de Arte, consigam trabalhar os conteúdos dessa disciplina com êxito e de forma contextualizada.

As propostas que aqui serão mencionadas, foram retiradas dos Cadernos da Residência Pedagógica da UNIFESP, que têm como tema: “Artes visuais nos anos iniciais do ensino fundamental” (2017). Essas obras consistem em um conjunto de experiências e propostas para a construção de sequências didáticas, dedicadas aos residentes do curso de Pedagogia da UNIFESP e aos profissionais da educação das escolas públicas de Guarulhos-SP. Sobre as atividades propostas na obra:

A sequência didática é uma organização que não pode ser inflexível pois durante a aula novas demandas surgem e é preciso, muitas vezes, mudar todo o percurso planejado anteriormente. Os estudantes também podem necessitar de mais tempo para alguns conhecimentos que não foram previamente pensados. (Araujo, 2017, p. 52).

Proposta 1: Arte Contemporânea

A primeira proposta, como o próprio nome já revela, consiste em um trabalho voltado para a Arte e artistas contemporâneos, sendo constituída por três momentos principais. O primeiro momento consiste na realização de uma leitura temática, mediante a apresentação de obras de artistas brasileiros contemporâneos, para que os estudantes possam visualizar os processos de imaginação e criação dos artistas.

O segundo momento consiste em uma conversa entre os alunos e o professor, sobre as obras e os artistas apresentados, na qual os estudantes poderão refletir acerca da relação que eles estabelecem com as artes visuais contemporâneas em seus contextos. O terceiro momento consiste no fazer propriamente dito, no qual as crianças poderão refazer ou recriar os objetos cotidianos dando a eles novas aplicabilidades, contextualizando assim, o conhecimento sobre as criações contemporâneas brasileiras.

Um exemplo é a obra Diálogo óculos: “objetos relacionais” criando o “arquivo de memórias”. Em seu projeto de Proposições existenciais, Lygia Clark cria propostas que devem ser vividas a dois. Como um primeiro exercício de aquecimento, as crianças imaginarão o que levou Lygia Clark a criar este objeto. Depois da conversa o professor apresenta outras referências da obra. (Araujo, 2017, p.62)

A proposta citada acima contempla as áreas de conhecimento que permeiam as atividades propostas, bem como as aprendizagens esperadas, que visam estimular as crianças a visualizarem os objetos sob novas perspectivas. Outrossim, são apresentados os passos necessários para o desenvolvimento do processo criativo, bem como os espaços que serão utilizados - definidos pelas próprias crianças como essenciais para a utilização

dos novos objetos. Por fim, a avaliação e autoavaliação por meio da explicação e análise das crianças.

Proposta 2: Arte na terra ou Land ArtEssa

proposta partiu da motivação de:

Oferecer experiências com materiais naturais, contribuindo para a ocupação no espaço, desenvolvendo produções artísticas pelas crianças em ângulo aéreo (visto de cima para baixo), construindo a autonomia das crianças para a intervenção no espaço escolar. (Araujo, 2017, p. 63).

Partindo da Abordagem Triangular de Ana Mae, a Arte apresentada e analisada no projeto é da década de 60: a Arte da Terra ou a Land Art “uma nova relação da Arte com o espaço, com a exposição a céu aberto e como arte efêmera, é desfeita pelo vento e pela chuva.” (Araujo, 2017, P.64), tratando-se então da paisagem.

A proposta em questão apresenta diversas áreas do conhecimento, como as Artes Visuais, o meio ambiente e a ecologia. Além disso, são utilizadas diferentes linguagens de Arte para elaboração de ações coletivas que visam intervir no ambiente e nos elementos naturais, levando em consideração o tom, a forma e o desenho. Para desenvolver essa ação, é necessário observar as crianças e coletar materiais do entorno residencial e escolar, além de promover bate-papos para explicar a escolha desses materiais e registrar tudo em relatos fotográficos. O espaço preferencial para a realização dessa proposta é ao ar livre, seja na terra ou no céu aberto. Por fim, a avaliação é feita relacionando os objetivos com as aprendizagens esperadas ao longo do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos evidenciar como a disciplina de Arte tem sido trabalhada em escolas com turmas de Anos iniciais do Ensino Fundamental ciclo I, apontando os principais desafios nesse processo e elencando algumas propostas que podem ser desenvolvidas em sala de aula por professores não-especialistas em educação artística.

Diante de tudo, concluímos que a disciplina de Arte em salas de 4º e 5º anos da educação básica, continua não sendo encarada como um conhecimento propriamente dito, estando sempre vinculada à outras disciplinas, o que representa um grande desafio, pois envolve a formação de profissionais e depende das concepções existentes nas instituições

educacionais acerca da importância da Arte para a educação básica. Ainda assim, a garantia do ensino de Arte em escolas de Ensino Fundamental, propicia ao aluno oportunidades e experiências essenciais para uma inserção plena na vida social, econômica e cultural do país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B. D. L. **Artes visuais nos anos iniciais do ensino fundamental** [recurso eletrônico] - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/uploads/ebook.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 set. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em 01 Mai. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A arte no ciclo de alfabetização. Caderno 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A Heterogeneidade em Sala de Aula e os Direitos de Aprendizagem no Ciclo de Alfabetização. Ano 02. Unidade 07. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FERREIRA, M. S. G. **A influência da música para o desenvolvimento da criança na educação infantil**. 2013. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/a-influencia-musica-para-desenvolvimento-crianca-na-educacao-infantil.htm#indice> 13. Acesso em: 30 de maio de 2022.

FREITAS, R. L. História do ensino de arte no Brasil. Web Artigos, Gaspar, 2013. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/historia-da-arte-educacao-ou-historia-do-ensino-de-arte-no-brasil/104656/>. Acesso em 20 de maio de 2023.

PIMENTA, S. G. *et al.* (2017). **Os cursos de licenciatura em pedagogia: fragilidades na formação inicial do professor polivalente**. *Educação E Pesquisa*, 43(1), 15–30. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201701152815>. Acesso em 05 de jun. de 2023.